

O Professor João Santos Guerreiro para além dos medos*

A propósito de evocações de vidas humanas, disse o historiador Vitorino Magalhães Godinho: «os aniversários e centenários só podem ser úteis se constituírem ensejo para estudar problemas, meditar directrizes, criticar certezas dogmáticas; caso contrário, mumificam os vivos sem ressuscitar os mortos»¹. Se quando falam de nós, como já advertia Sá de Miranda num poema «*cuidais que sou e não sou*», mais ainda se prevenia ele da imprudência no primeiro verso dessa esparsa «*Não vejo o rosto a ninguém*»². Por isso, em vez de tentar ver o rosto amigo do Professor João Santos Guerreiro (1923-1987), limitar-me-ei, por um lado, a assinalar o mundo “dos medos” em que durante meio século ele viveu; medos tão bem caracterizados pelo poeta, também quinhentista, António Ferreira: *A medo vivo, a medo escrevo, e falo, / hei medo do que falo só comigo; / mas inda a medo cuido, a medo calo*.³

Por outro lado, avistando o futuro, direi sem demora do traço que nele deixou o Professor João Santos Guerreiro, depois da breve passagem a que aos 64 anos pôs termo a “grande ceifeira”.

Quis ele ser, como quis ser o matemático e seu mentor José Sebastião e Silva, um homem do seu tempo; e que difícil isso era! sem acesso a meios de informação e sem liberdade!! Mas a modernidade brotava das suas aulas e palestras, e a revolta palpitava na contenção, antes obrigada, das conversas de tertúlia. Perceber o valor do moderno no confronto com o antigo e o valor do antigo no decorrer do moderno eram sem dúvida características permanentes do seu magistério; perceber o valor do humano no confronto das ideias e o valor das ideias na luta por uma humanidade melhor eram alimentos maiores do seu convívio, sempre condimentados com humor.

Julgo que tenham vingado algumas das sementes que deixou. Oxalá vigorem, estudando problemas, meditando directrizes, criticando certezas dogmáticas; contrariando assim a mumificação dos vivos e ressuscitando o valor exemplar de alguns dos que já foram.

Lisboa, 23/9/2023 Paulo Almeida (almeidp@gmail.com)

*Palavras ditas numa Homenagem ao Professor João Santos Guerreiro, no 100º aniversário do seu nascimento, no Anfiteatro Manuel Valadares, do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, no edifício da Escola Politécnica, em Lisboa.

¹ “Comemorações e História”, *Seara Nova*, 1947.

² Francisco de Sá de Miranda (1481-1558). Do poema «Esparsa», segundo a *Obra Completa*, ed. Assírio & Alvim, 2021, que corresponde, em versão alternativa, à «Esparsa VII» segundo as *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, compiladas por Carolina Michaëlis de Vasconcellos; ed. de Max Niemeyer, Halle, 1885.

*Não vejo o rosto a ninguém,
cuidais que sou, e não sou.
Sombras que não vão nem vêm,
parece que avante vão.
Entre o doente e o são
mente cada passo a espia;
no meio do claro dia
anda entre lobo e cão.*

NOTA: 1) “espia” antecipava o estetoscópio 2) “lobo e cão” são constelações do hemisfério sul que orientam como a estrela polar o faz para o hemisfério norte.

³ António Ferreira (1528-69). Excerto de uma Carta a Diogo Bernardes, CartaXII, conforme as *Obras Completas do Doutor António Ferreira*, Tomo 2, 4ªed. B.-L.Garnier Rio de Janeiro, e Augusto Durand, Paris, 1865, p.82. Um outro excerto, abaixo reproduzido, ou parte dele, é por vezes referido como «Os Medos»:

*A medo vivo, a medo escrevo, e falo,
hei medo do que falo só comigo;
mas inda a medo cuido, a medo calo.
Encontro a cada passo com um inimigo
de todo bom espírito: este me faz
temer-me de mi mesmo, e do amigo.
Tais novidades este tempo traz,
que é necessário fingir pouco siso,
se queres vida ter, se queres paz.
Vida em tanta cautela, tanto aviso,
quando me deixarás? quando verei
Um verdadeiro rosto, um simples riso?*